

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha de S. Paulo Class.: Amazônia/Internac.

Data 07/08/93 Pg.: 4-8 Ilustrada

103

Brasil teme perder sua Amazônia mal-amada

País vai ficando rouco de tanto falar em ecologia e biodiversidade, mas sempre de costas para a natureza

ANTONIO CALLADO

Colunista da Folha

Na região de Açailândia, interior do Maranhão, assisti, dia 1.º de fevereiro de 1959, à missa que foi provavelmente a mais solene e significativa da história do Brasil, desde aquela rezada por frei Henrique de Coimbra numa ilha da costa de Porto Seguro, Bahia, ano de 1500.

Se em Portugal, ao tempo da Primeira Missa, reinava o bonafioso monarca Manuel, cognominado O Venturoso, no tempo da segunda missa a que me refiro governava o Brasil Juscelino Kubitschek, o sorridente, que, com aquele ofício religioso em plena mata, festejava o fim da abertura da estrada Belém-Brasília. Ali se encontravam a frente Norte e a frente Sul.

A missa, celebrada por frei Demétrio do Encantado e assistida por d. Sarah Kubitschek e filhas, pelo ministro da Guerra, Teixeira Lott, pelo reitor Pedro Calmon e outras autoridades, tinha seu lado trágico de missa de réquiem. Meio mês antes, precisamente a 15 de janeiro, naquele último palmo de chão que separava as duas frentes, tinha morrido Bernardo Sayão, um dos poucos brasileiros, dois ou três, a quem eu daria, sem qualquer condescendência ou aspas mentais, o título de herói.

Eu tinha conhecido Sayão uns dez anos antes, quando ele governava, como uma espécie de rei e juiz, as duas cidades de Ceres e Rialma, que ele mesmo fundara, uma diante da outra, nas margens do rio das Almas, afluente do Tocantins. Foi nosso maior material e abridor de estradas, por vocação e por um amor quase físico a esta terra.

Sayão era do Rio, praieiro, campeão de remo, mas quando descobriu, trabalhando no Ministério da Agricultura, o interior do Brasil, viu logo a que iria dedicar sua vida. Fez carreira política em Goiás, mas JK o descobriu em 1957 e o colocou à frente do Plano Piloto de Brasília e da grande tarefa de rasgar pelos sertões a Transbrasiliana — com que sonhara Paulo de Frontin, que transmitiu o sonho a Sayão. Para Sayão faltava ao Brasil a espinha dorsal, que viria a se chamar Belém-Brasília. Depois viriam as

costelas, completava, as estradas laterais.

Dia 15 de janeiro de 1959, completado o gigantesco picadão e quando se roçava o campo de pouso que pisávamos, ouvindo a missa, uma das árvores abatidas atingiu Sayão. Já estava morto quando o colocaram no helicóptero que devia levá-lo ao hospital. Faço ponto aqui, para não ficar falando apenas em Bernardo Sayão.

Nós e as árvores

Na verdade eu queria era falar de árvores, de duas árvores que se recusaram a me dizer o nome durante essa viagem que fiz para ouvir missa em Açailândia. Como lá encontrei homens que trabalhavam com Sayão quando ocorreu o acidente que o matou, eu quis saber: que árvore tinha derrubado o grande mateiro?

Não souberam me dizer. O ritmo do trabalho naqueles últimos dias da ligação das duas frentes tinha sido frenético. As escavadeiras, serras, tratores derrubavam, destocavam, removiam. Sayão fora abatido quando trabalhava, sentado em sua mesa de campanha, segundo uns, ou estava

de pé, comandando a derrubada, segundo outros. E é claro que, consumado o desastre, ninguém mais pensara em nada.

O caso da segunda árvore foi o seguinte. Os construtores da estrada tinham deixado, bem no meio do picadão, uma solitária árvore, forte e nova, que já levava umas machadadas no tronco à flor da terra para que o presidente da República a derrubasse, num gesto simbólico. JK entrou num trator, ao lado do tratorista, e, com seu costureiro garbo, investiu contra o tronco, que sofreu um tremor, mas ficou firme. O tratorista ajudou o presidente a dar a marcha a ré, para nova investida. A árvore dessa vez sofreu um calafrio até a copa, mas aguentou a nova marrada do trator presidencial.

No seu livro "Por que Construí Brasília" JK narra sua luta contra a árvore, e registra que, no seu quarto tranco motorizado, venceu a árvore, que o reitor Pedro Calmon, em discurso, acabara de chamar de último tamoio. Na minha lembrança de repórter, a obstinada árvore resistiu a todas as investidas. Depois que JK desapareceu no céu, a bordo do Douglas da FAB que o trouxera,

houve uma espécie de ofensiva final e feroz à árvore, com todas as forças motorizadas em uníssono, e logo ela se deitou, raízes voltadas para o céu.

Mas digamos que o erro de memória é meu e que JK venceu seu combate singular. Onde o seu relato me deixa surpreendido é na segurança com que diz que a árvore era um jabotá. Eu confesso que entre as poucas árvores que consigo identificar não figura o jabotá. Por isso mesmo, pela segunda vez naquele dia, procurei quem soubesse me informar que árvore teimosa era aquela, e não souberam me dizer. Ouvi palpites, que não coincidiam entre si, e evasivas. Ou a firmeza honesta, mas pouco elucidativa, de um candango: "É um pé de pau".

Acho que um dos nossos defeitos capitais é a incuriosidade diante da natureza. O medo patológico que temos de que alguém nos roube a Amazônia (desde meados do século passado, quando rugia o debate em torno de abrimos ou não o rio Amazonas à navegação internacional) vem do fato de que a amamos pouco, pois mal a conhecemos. A Amazônia não pode ir embora, como fazem em geral as pessoas mal-amadas, mas

pode cair nos braços de outro — é o que nos dizemos.

É claro que o caboclo, o seringueiro, amam e conhecem a floresta em que vivem, e que o índio, mais do que amá-la, é parte dela, como se a floresta fosse a sua pele. Mas o brasileiro que se considera educado, civilizado, urbanizado, isto é, o brasileiro que manda no Brasil, esse se pudesse contrataria paisagistas japoneses para tornar nossa floresta bonsai, mínima, da altura da nossa canela.

No tempo em que estudei botânica no colégio nunca vi uma folha verde na sala. Acabo de checar pelo telefone com meu neto de 12 anos, que gosta de plantas e bichos. Ele também jamais viu uma folha na sala de aula. A turma dele já foi, me contou, ao Jardim Botânico, mas a passeio, e não para aprender nada.

Estamos roucos, no Brasil de hoje, de falar em ecologia e biodiversidade, mas sempre de costas para a natureza. Ela que fique longe, com suas formigas e seus mosquitos.

Índios no poder

Semana passada, em Genebra, a ONU produziu uma declaração, um projeto que concede autoterminação aos povos indígenas. Ainda está longe de ser uma resolução, mas o delegado brasileiro quase teve um troço. Foi preciso que o acalmasse um líder indígena brasileiro presente, Marcos Terena: os índios não querem formar nações livres e sim, apenas, participarem organicamente da vida nacional. E, sobretudo, velarem pela floresta, que o Brasil civilizado está reduzindo a cinza.

O perigo, naturalmente, é que esses índios, organizados sob os auspícios da ONU, acabem internacionalizando e entregando a Amazônia. Outro dia o poeta e ex-presidente José Sarney escreveu, em prosa, um artigo sobre os perigos de dominação mundial que rondam a Amazônia.

Sob o título "Um Punhal na Amazônia", disse que praticamente já estamos sendo invadidos, apunhalados, a partir das Guianas. E, sem dúvida pensando nas insônias e enxaquecas que sofremos só de pensar em enfrentar essa Amazônia que tememos perder, produziu, inspirado, esta frase que ficará para sempre em nossas antologias: "Está cravado o punhal que vai nos dar muita dor de cabeça".



Barco navega por rio na região da Amazônia, no Norte do Brasil

Folha Imagem